



A memória como articuladora das relações de cidadania: as imagens das Missões em São Borja¹

Priscyla Christine HAMMERL²

Ronaldo Bernardino COLVERO³

Denise Teresinha da SILVA⁴

Instituto Federal Farroupilha, São Borja, RS
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

A imagem veiculada por dispositivos midiáticos revela o cenário de um mundo formado por uma multiplicidade de olhares. Eles reforçam a manutenção dos vínculos sociais e permite analisar as configurações resultantes das relações socioculturais. Aqui apresentaremos um recorte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre a memória da região das Missões no RS pela população que vive nesta região, especificamente na cidade de São Borja, trabalhando as disputas identitárias presentes nestas lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania, imagem; memória; missões; comunicação.

REFLEXÕES INICIAIS

Os dispositivos midiáticos são capazes de reorganizar os processos de identidade, de lembrança e de relações sociais, culturais e históricas dentro de um determinado contexto social e cultural. A imagem faz falta para contar a memória. Essa afirmação, recorrente em muitas pesquisas, é um dos aspectos importantes neste trabalho. A memória, que *a priori* parece algo individual, deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social que está sobrepujado às transformações da sociedade. Pollak diz que seus elementos constitutivos são os acontecimentos vividos pessoalmente e os que são vividos por tabela. Estes últimos são aqueles que foram vivenciados pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa pertence, em outras palavras, “são acontecimentos dos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Borja, email: priscylahammerl@sb.iffarroupilha.edu.br.

³ Professor adjunto, coordenado do curso de Ciências Sociais – Ciência Política da Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus São Borja, email: ronaldocolvero@unipampa.edu.br.

⁴ Diretora da Universidade Federal do Pampa – Unipampa Campus São Borja e Professor adjunto II do curso de Comunicação Social, email: denisesilva@unipampa.edu.br.



quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Além desses elementos, afirma o autor, “a memória é constituída por pessoas, personagens”, não só de quem se encontra pela vida, mas também daqueles personagens que não pertenceram ao mesmo espaço-tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 203).

Fatos que marcaram a constituição de um povo são transmitidos de geração em geração com forte identificação pelos/as descendentes: uma “memória quase que herdada” por meio da socialização política ou histórica (POLLAK, 1992, p. 203). Quem testemunha algo que aconteceu, mesmo que seja pela vivência de seus/suas antecessores/as, merece lugar de destaque e sua palavra é tida como verdade. As pessoas selecionam e retêm os elementos da história vivida que configuram suas identidades, os quais são chamados de residuais por Williams (WILLIAMS, 1979). Acrescenta-se aqui, substancialmente, a presença midiática nesses processos de socialização. A mídia imprime memórias que são tornadas públicas e que vão se mesclando com as memórias individuais e coletivas. Sarlo afirma que, muitas vezes, ao sofrer interferência das instâncias midiáticas, as pessoas têm lembranças de fatos que não vivenciaram, que funcionam como armadilhas pregadas pela memória com suas recriações. Argumentos que a fazem pensar no conceito de pós-memória (SARLO, 2005).

O contexto deste trabalho é fruto de uma investigação que teve início no final de 2009 pelo Grupo de Pesquisa FOS da Unipampa. A nossa investigação denominada “A fotografia enquanto palimpsesto da memória”, que passou por um momento de adequação do objeto de pesquisa, uma vez que num primeiro momento estava restrito à fotografia, ganhou maior abrangência quando tivemos acesso ao campo, que apresentou o vídeo como um importante elemento para pensar os usos de diferentes dispositivos midiáticos pelas pessoas para retratar a sua realidade e com isso fazer com que o sentimento de alteridade se sobressaia nas relações sociais, além de visibilizar uma versão dessa realidade que não é divulgada pelos meios massivos. Como em outros momentos apresentamos estas questões mais abrangentes da foto e do vídeo, neste artigo apresentaremos uma primeira análise da etapa de finalização deste projeto, que diz respeito à presença das missões na memória dessa população através do uso de história oral no processo de reconstituição das suas narrativas, bem como na análise das fotos. Esta análise será realizada com as cidades que integram os chamados Sete Povos



das Missões no Rio Grande do Sul. Aqui, especificamente, trataremos sobre a cidade de São Borja.

Para elucidar o atual processo desta pesquisa, é importante fazer uma breve caracterização do cenário que estamos trabalhando. O objeto desta investigação, portanto, apresenta uma transversalidade de perspectivas conceituais que são engendradas pelos eixos principais dispositivo midiático, memória, cultura e cidadania, como identidades, interculturalidade, etnia, processos comunicacionais e midiáticos, turismo e desenvolvimento regional. O seu percurso metodológico envolve dois momentos. O primeiro se refere à coleta e análise de uma amostra de materiais midiáticos e alternativos (documentário) e o segundo à análise das fotografias de famílias moradoras na região dos Sete Povos das Missões, através de dois aspectos, em relação à imagem visual (campo) presente nas fotografias pessoais e às narrativas dos próprios sujeitos que analisam suas fotografias e as imagens veiculadas na mídia, com o recurso da história oral (fora-de-campo).

No primeiro, fizemos um acompanhamento de jornais impressos Zero Hora, Folha de São Borja, Folha Regional Correio do Povo, a versão online da Folha de São Paulo, como também nos sites de notícias: Clic RBS, BBC Brasil e El País (pela relação da Espanha e o patrimônio cultural deixado pelos jesuítas e os indígenas que viviam nas missões). Colemos materiais cujo tema estava ligado às populações das missões e sua relação com o passado das reduções jesuíticas, suas questões artísticas, culturais e sociais. Além disso, buscamos materiais midiáticos alternativos, como documentários, e o *site* do IPHAN em suas ações. Nesta pesquisa documental apareceu um projeto feito pela ONG Vídeo nas Aldeias em parceria com o IPHAN, a qual capacitou jovens de duas aldeias indígenas da região das Missões do RS para que os mesmos registrassem a sua realidade com imagens do seu cotidiano e na sua relação com os “brancos”, o que resultou no documentário, que ainda está sendo analisado, “*Mokoi Tekoá Petei Jeguatá*” (Duas aldeias, uma caminhada). Uma das constatações sobre a visibilidade midiática é que o tema missões está muito restrita ao turismo, com notícias muito pontuais. Outro fato interessante para ser mencionado é que em São Borja, as notícias procuram vincular as missões com as questões políticas, o que será discutido posteriormente neste artigo.

Com o surgimento do documentário para contar a história da população indígena no decorrer da investigação, foi necessária uma abertura do tema de pesquisa e dos objetivos propostos inicialmente no projeto que estava restrito à fotografia. Caso



continuássemos com esta restrição, a presença dos Mbyá-Guarani seria lida somente a partir da população das cidades e não por eles mesmos. Neste documentário, eles apresentam a sua realidade através de seu próprio olhar sobre suas vidas, cultura, religiosidade, tradição. Também questionam identidades civis arbitrarias que não reconhecem sua cidadania enquanto Guarani. Cidadania que se refere ao vínculo político, à participação efetiva do sujeito na vida social e na vida do Estado, com direitos e deveres constitucionalmente assegurados.

No segundo momento, percebemos a necessidade de se investigar a fotografia enquanto dispositivo midiático que registra rupturas e continuidades vivenciadas por habitantes da região dos Sete Povos das Missões, possibilitando a publicização de suas experiências. O lugar de onde se fala é a família que reside nessa região, buscando especificidades sobre as imagens construídas desde a época das reduções jesuíticas que serão estudadas no processo de reconstituição das suas narrativas, bem como no da análise das fotos, através da técnica de história oral, visando contribuir para o desenvolvimento cultural regional.

A memória estimulada pela fotografia permite conhecer o universo simbólico-cultural que orienta as interações sociais permitindo uma ruptura espaço-tempo com a continuidade do vínculo identitário, através da conservação dos saberes individuais e coletivos, que transmitidos aos outros povos possibilitam um aumento considerável da experiência humana. Por isso trabalhamos a partir da memória familiar, pois ela possui um papel fundamental na transmissão da experiência dos grupos sociais, através do conhecimento adquirido na vivência nesses grupos. Neste caso, este estudo não acrescenta apenas um novo tema, mas ajuda a construir uma história que dá voz a mulheres e homens agregando suas experiências pessoais e subjetivas, além de reexaminar as premissas e critérios científicos e midiáticos existentes sobre a região. Neste sentido, sob uma perspectiva metodológica, a técnica de história oral possibilita articular as questões aqui estudadas a partir dos sujeitos, já que esta compreende um amplo aspecto de estudo da circulação dos sentidos. Este eixo pretende, então, produzir uma série de informações sobre as relações sociais e familiares que revelem a memória desta população sobre o passado missioneiro.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DAS MISSÕES EM SÃO BORJA

As escolhas históricas das perpetuações de memória seriam decisões realizadas



pelo coletivo com o intuito de reverenciar o seu passado, ou poderíamos dizer que estes são os meios que o ser humano encontra para lembrar o seu passado? Antes, cabe refletirmos sobre quem é esse sujeito. Seria ele próprio o detentor do poder da escolha, ou seriam as estruturas de poder que o cercam que são determinantes para esta escolha, indo de encontro a seus interesses na perpetuação da memória?

São Borja é uma das cinco cidades do Rio Grande do Sul que ostenta a referência de “cidade histórica”, reconhecimento alcançado no ano de 1994. Porém, deste ano em diante, muitos esforços foram realizados para fazer com que a cidade fosse reconhecida como o “berço do trabalhismo”, ou a “Terra dos Presidentes”. Tais epítetos, contudo, acabam excluindo as demais heranças socioculturais que, desde o século XVII, fizeram de São Borja uma cidade verdadeiramente histórica⁵ (MAURER In: COLVERO; MAURER, 2011, p. 101).

Por meio das pesquisas executadas a partir das documentações da época é possível perceber a florescência da redução de São Francisco de Borja, bem como da importância que esta teve para o desenvolvimento do projeto reducional missionário implantado pela Coroa espanhola com o auxílio da Companhia de Jesus (MAURER, In: COLVERO; MAURER, 2011, p. 101). Porém, com o passar do tempo, muitas coisas foram se perdendo, inclusive as referências patrimoniais. As poucas que ainda restam são desprovidas dos cuidados que lhes deveriam conferir, tanto o poder público, quanto a sociedade, que não reconhece o seu próprio passado. Isso se deve, em boa parte, à “carga psicológica” imputada à sociedade local acerca de um suposto pertencimento às raízes trabalhistas, já no século XX.

(...) o lugar-comum nas ciências sociais, hoje em dia, o fato de as identidades individuais e sociais não serem ‘dadas’, mas construídas. Em qualquer sociedade, o Estado ou, de modo mais geral, as classes dominantes possuem a prerrogativa paradigmática de estabelecer o modelo no qual se baseiam as identidades sociais. (ALEXANDER, 2006, p. 114).

Diante disso, não queremos, de modo algum, tirar o mérito de São Borja ter tido figuras políticas de grande relevo para a história do Brasil, pois se trata de dois ex-

⁵ Resumidamente, nesse ínterim, incluem-se alguns pontos a serem considerados quando se trata da rica história do município de São Borja, tais como: a criação da redução de São Francisco de Borja, como integrante dos 30 povos missionários que faziam parte da província do Paraguai; o papel desempenhado diante do Tratado de Madri, em 1750; a tomada das missões por Borges do Canto, em 1801; a estruturação das estâncias portuguesas na região; as invasões à Banda Oriental; o comando dos destacamentos da fronteira por Francisco das Chagas Santos, estabelecido em São Borja; a guerra da Cisplatina; os eventos relacionados à Revolução Farroupilha e à guerra do Paraguai; o vereador Apparcício Mariense e a moção plebiscitária a favor da república; além de todo o desenvolvimento econômico, cultural, social e político de São Borja, antes de terem nascido ali dois presidentes do país.



presidentes: Getúlio Vargas e João Belchior Marques Goulart. Entretanto, cremos ser excessivamente reducionista o fato de referi-los como único marco a ser lembrado na história do município. Por terem expressividade nacional, não podem ser determinantes para que se sobreponham a séculos de história, igualmente importantes na construção da história.

Compreendemos, infelizmente, que essa situação acaba contribuindo para o “esvaziamento” da história local, dificultando sobremaneira a construção das identidades presentes em São Borja. No sentido oposto, entendemos que as “outras histórias” ainda sobrevivem e que cabe ao poder público e à sociedade, aprender a conviver com estes dois espaços de memória, pois uma não anula a outra. No entanto, se não levarmos adiante tais preocupações, com o passar dos anos a “Terra dos Presidentes” irá sobrepor o passado missioneiro, legado a uma subcategoria com pouco ou nenhum sentido histórico, como estamos constatando nas notícias que são midiaticizadas sobre a região nos jornais citados anteriormente.

São Borja, atualmente, é um município do Estado do Rio Grande do Sul que faz fronteira com Santo Tomé, cidade da província argentina de Corrientes. Entre os séculos XVII e XVIII, a então redução missioneira compôs a região do Tape, que abrangia os trinta povos das Missões, na chamada província jesuítica do Paraguay. Esta fora criada em 1604, ficando sob o litígio das Coroas Ibéricas até 1750, quando houve a assinatura do Tratado de Madri. Contudo, devemos ressaltar que a consolidação do espaço, passando a fazer parte dos domínios da Coroa portuguesa, deu-se somente a partir de 1801.

Dessa forma, o espaço que abarca o atual município de São Borja acabou sendo “moldado” conforme intenções imediatas e, muitas vezes, nada complacentes.

As Missões Orientais do Uruguai, [...] são vistas como uma região de fronteira e, como tal, objeto básico de disputas territoriais entre as metrópoles ibéricas, tanto quanto outras regiões que assumem papel semelhante na imensidão dos limites na América do Sul. Foi sob a perspectiva geopolítica que os limites das possessões ultramarinas portuguesas e espanholas tiveram suas primeiras definições. (CAMARGO, 2001, p. 23).

As reduções, antes de qualquer interpretação, serviram a um método que teve de ser aplicado com a intenção de garantir a “missão”; ou seja, à prosperidade do Projeto da Companhia de Jesus (e principalmente da Coroa espanhola), na América Meridional.

A redução foi à maneira (método) de empreender a Missão; em suma “Missão por redução” que é o projeto global de catequização espanhola. Nas “Leyes de



Índias” há um projeto de redução, porém na historiografia da América Espanhola existem muitas reduções. (NEUMANN, 1996, p. 50).

As reduções foram criadas sob vários aspectos e circunstâncias distintas. Assim, a prosperidade de cada redução passava pelo esforço engendrado pelos seus responsáveis imediatos, de maneira coletiva e organizada. “Politicamente, os indígenas estavam organizados de uma forma que os convencesse de que realmente participavam da administração das reduções” (COLVERO, 2004, p. 25).

Neste sentido, a redução de São Francisco de Borja foi um espaço de destaque entre os demais povos orientais do Rio Uruguai. Essa situação foi registrada pelos próprios padres da Companhia de Jesus ao desempenharem seu controle administrativo sobre a redução, mas também no intuito de preservarem a memória daquele povo. E, em se tratando da memória, Jacques Le Goff (2003, p. 419), registra que esta: “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Não desejamos fazer qualquer apologia à tendência do esquecimento ou da escolha seletiva da história, contudo, nos últimos tempos, percebemos um esquecimento ou, até mesmo, uma desconsideração pelos legados da época reducional em detrimento do fortalecimento das propagandas referentes à “terra dos presidentes”. Portanto, cremos que: “o município possui espaços suficientes para todas as ‘tendências’; sejam elas dos adeptos da ‘Terra dos Presidentes’, quanto daqueles que se identificam pelo passado/legado missioneiro. Ambos podem contribuir para o desenvolvimento cultural, turístico e patrimonial do seu povo”. (COLVERO & MAURER, 2009, p. 4338)

Há a necessidade de que os órgãos públicos, empresas privadas, escolas, Universidades e as próprias famílias revejam os seus posicionamentos para que não seja contemplado, perpetuado, priorizado, apenas aquele slogan criado recentemente. Caso contrário, dar-se-á início ao processo de esquecimento da memória coletiva acerca da redução jesuítica de São Borja.

Podemos perceber claramente a tendência de esquecimento deste passado missioneiro, especialmente pelo apelo da criação de monumentos e de perspectivas de sobreposição histórica. Isso se dá por meio de eventos marcantes na cidade, principalmente quando o poder público municipal faz questão de realizar comemorações de datas relacionadas a políticos que foram/são importantes para as legendas partidárias



atuais.

Em relação a esse enaltecimento atual às figuras de destaque na sociedade, concordamos com o que aponta Le Goff, quando diz que:

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida à primeira guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia que revoluciona a memória: multiplica-a democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p. 460).

A praça central da cidade, um dos pontos de referência de São Borja, não traz nada que possa fazer com que a sociedade local reflita e encontre ali sinais de pertencimento à memória⁶ reducional. Em contrapartida, encontramos monumentos como o mausoléu de Getulio Vargas, para o qual cabe a assertiva de Le Goff: “Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, p. 470).

É importante lembrar que não se deseja, com tais colocações, retirar a importância que tais personagens e monumentos possuem, mas procuramos chamar atenção para que possamos construir espaços de discussão de toda a comunidade, no sentido de podermos desenvolver a capacidade de escolha, enquanto cidadãos⁷, participando ativamente de questões que envolvam a sociedade. Nesse caso, por exemplo, a comunidade, em tese, deveria ter o direito de escolher os monumentos que mais lhes representa. “O monumento tem como, características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)”. (LE GOFF, 2003, p. 526). Todo monumento caracteriza a representação do patrimônio cultural de um povo ou de uma nação; justamente por

⁶ A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p. 471).

⁷ A cidadania caracteriza uma situação de inclusão em uma “comunidade de cidadãos”. Mas esta última não pode ser definida simplesmente pelo direito de voto e pela garantia de ver protegido um certo número de liberdades individuais. A cidadania se caracteriza também pela existência de um mundo comum. Em outros termos, possui, necessariamente, uma dimensão social. Tocqueville foi o primeiro a destacar que a democracia caracterizava uma forma de sociedade e não apenas um conjunto de instituições e de princípios políticos. Ver mais em: ROSANVALLO in: PNUD, 2004, p. 53.



integrar o presente com o seu passado, assumindo, sobremaneira, a garantia de perpetuação da história da comunidade a qual participa. Portanto, priorizar algumas representações ao invés de outras, pode trazer certos danos à sociedade, podendo passar-se anos até que seja possível reconstruir novamente um novo sinal de pertencimento desta sociedade, comprometendo a construção das identidades.

No caso em estudo, a comunidade de São Borja parece ser conduzida a representar a contemplação das figuras políticas em detrimento da história missioneira. Esta condição acaba fortalecendo o slogan: “Terra dos Presidentes”, sufocando de tal forma os elementos que ainda continuam fazendo parte do cotidiano das pessoas que estão à par deste processo de afirmação, no caso, os identificados com a história da antiga redução de São Borja.

Não é proposta, também, jogar a responsabilidade no passado, mas sim no presente; pois somente este possui condições, através de ações patrimoniais, de garantirem a lembrança da história, mesmo porque: “o passado e o presente são não só diferenciados, como por vezes se opõem: se o passado e o presente pertencem à esfera do mesmo, estão também na esfera da alteridade”. (LE GOFF, 2003, p. 218)

Foram coletadas para o desenvolvimento de um trabalho extensionista sobre a complexidade das manifestações socioculturais presentes no ato receber e ser recebido, tendo como enfoque o município de São Borja em diferentes tempos e espaços. Este trabalho foi inserido dentro deste projeto por ter afinidades específicas quanto aos seus objetivos e metodologia. Assim, podemos aproveitar as fotografias coletadas para discutir as questões pertinentes à memória das missões. Foram coletadas 52 fotografias com temáticas variadas, dentre as quais se destacam as festas de carnaval, Nossa Senhora dos Navegantes, semana Farroupilha, casamentos, batizado, fotos de bares e outros estabelecimentos comerciais, praças, centros de tradição de gaúcha e fotografias relacionadas à política revelando os presidentes Getúlio Vargas e João Goulart em atividades sociais e cotidianas na cidade de São Borja.

Um ponto importante a ser destacado é que tanto na fala dos sujeitos entrevistados quanto no processo de escolha destas fotografias, notamos a ênfase na exposição do vínculo deles entrevistados com os políticos que viveram na cidade, embora tal fato não tenha sido abordado por quem realizava as entrevistas. Como exemplo, na fala de V.V., advogado, 74 anos, que ao ser questionado sobre suas relações sociais com os vizinhos, destaca:

(...) Eu tive a honra de conhecer o general Vargas, pai do menino Getulio , eu era menino e morava [silêncio] ele morava também ali ... diagonal à casa de tintas e então, ele vinha para o clube ... para o Clube Elite na época... e passava em casa e cumprimentava meu pai e passava a mão na minha cabeça, sabe?! Eu me lembro perfeitamente disso! Eu tinha uns 4 ou 5 anos. Ele viveu muitos anos...”

Não apenas a família de Getúlio Vargas é citada, mas também João Goulart, como pode ser observado no relato da senhora M.L.D.S., doceira, 89 anos que exalta: “Doutor Jango era meu freguês!” ao se referir aos clientes dos seus serviços de organização de banquetes na cidade. Frequentemente citados, observamos que há uma forte ligação entre a memória sobre a cidade com os políticos de reconhecimento nacional. Este ideal é reforçado pela construção do destino turístico com o *slogan* “Terra dos Presidentes” em detrimento do vínculo da história da cidade ligada às Missões. A temática missioneira, por sua vez, não foi citada por nenhuma das pessoas entrevistadas. Mesmo quando instigadas a falar sobre a imagem de São Borja para os visitantes, as Missões não são citadas.

Dentre todas as fotos coletadas, as que apresentaram aspectos relacionados à memória sobre as missões em São Borja foram apenas duas, pautadas em eventos ocorridos na Igreja Matriz do município. A primeira foto apresenta um grupo de meninas (identidades desconhecidas) participando de um evento religioso. Todas estão de vestido branco e observamos que as mais velhas estão na fileira de trás e as mais jovens na frente. Pelas vestes e faixa etária das participantes inferimos que possivelmente se trata do encerramento da Primeira Comunhão e Crisma. Ao fundo, atrás das participantes está a estrutura do altar de origem missioneira com destaque para figura de São Francisco de Borja.



O São Francisco de Borja, centralizado no altar, foi entalhado em madeira e atribuímos tal feito aos índios em período relativo às missões jesuíticas. A obra encontra-se atualmente na nova estrutura da Igreja Matriz do Município. O altar é composto por um conjunto de colunas também entalhadas em madeira e de confecção indígena. Na parte central do altar, composta pelas colunas arredondadas, encontramos atualmente na Igreja do Passo e está catalogada como atrativo turístico municipal sendo divulgada pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul (SETUR). Embora considerados como atrativos turísticos da cidade, não foram encontrados registros exatos sobre a data de confecção das peças nem tampouco da fotografia.

Em uma visita técnica às respectivas igrejas em busca de dados, constatamos que as informações sobre o período missioneiro e seus patrimônios ainda existentes são resumidas. O que observamos até aqui, é que a memória relativa ao período missioneiro é pautada por silêncios e esquecimentos. A escolha desta fotografia se deu no evento religioso ocorrido e não em relação aos aspectos missioneiros presentes na imagem.

O mesmo fato ocorreu em relação à apresentação da segunda foto, que mostra o momento do batizado de uma criança na década de 1960. Neste caso, a foto foi selecionada pela relevância familiar e religiosa do evento, bem como pela presença do cônego Viro Rauber, considerado pelo grupo como importante referência religiosa na comunidade. Ressaltamos que novamente fica em segundo plano o destaque para pia batismal missioneira exposta na fotografia.



Na pia batismal missioneira estão, da direita para esquerda na foto, o cônego Viro Rauber, a batizada Rosaura de Paula, a madrinha Maria Cirley Toupa dos Santos, o padrinho Pery Trindade Soares e o pai, Hélio Fontella de Paula. Atualmente, a pia



missioneira ainda é utilizada para realizar as cerimônias de batismo na Igreja Matriz. Embora a comunidade conheça a origem do patrimônio, notamos que não há ênfase para a questão histórica quando citada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ressaltar que neste contexto apresentado, a análise do que é veiculado nos meios de comunicação contribui para a reflexão sobre essas construções identitárias que circulam na sociedade local, assim como o documentário dos Mbyá-Guarani e as fotografias pessoais da população da região das Missões. Observar as continuidades e rupturas ocorridas no tempo através do uso de dispositivos midiáticos auxiliadas pelas memórias individual e coletiva, bem como da análise de material publicado na grande mídia, investigando como estão ocorrendo os processos de fixação da memória, a interação social operada pela fotografia, a sua circulação dentro e fora do eixo familiar, assim como a circulação dos sentidos a partir dela produzidos, objetiva contribuir para a promoção de uma reflexão sobre as identidades que se formaram ao longo do tempo na região missioneira do RS, visando um novo aprendizado para a construção de um futuro mais próspero.

A reconstrução histórica da imigração por meio da fotografia é um exemplo da projeção ou transferência da memória de antepassados/as. Memória seletiva, constituidora de identidades, que se articulou em função do que aconteceu, do que foi contado, do que foi interpretado e do que foi assimilado quer de forma individual quer coletivamente.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade [...] é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. [...] Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 205).

A fotografia engendrada a partir das experiências sociais e pessoais reconfigura essas experiências. Ela é catalizadora de significações. Barthes (1990, p. 32) já advertia que toda imagem é polissêmica e pressupõe uma interrogação sobre o sentido, que, ao



mesmo tempo em que parece evidente (óbvio), também se mostra implícito (obtusos). Através da imagem fotográfica descobre-se a capacidade das pessoas em reconstituir emoções que estavam guardadas na memória, bem como descobrir novas significações que pareciam ainda nebulosas. Apesar de serem imagens fixas e, por isso, parecerem silenciosas, elas provocam uma variedade de discursos. Por esse motivo, não é possível analisar a fotografia fora do contexto em que se insere, como se pode observar nessa investigação. Ela é uma imagem-ato que deve ser compreendida na sua produção, recepção e contemplação (DUBOIS, 1993, p. 15).

O ato de olhar a imagem das fotos e estabelecer ligações entre passado, futuro e presente, tão nítidos na memória das pessoas entrevistadas, permite perceber a construção da relação da fotografia com o sujeito que se auto-observa, desse olhar de fora sobre si mesmo propiciado por um dispositivo, como também das relações produzidas com a imagem e o sentido produzido na imagem. Como diz Aumont, a imagem fotográfica capta o tempo, para depois restituí-lo (AUMONT, 2001. p. 167). Assim, a fotografia se torna uma excelente forma de comunicar as nossas concepções sobre o mundo e as transformações pelas quais elas passaram, ou mesmo as situações que fizeram com que se fortalecessem ou se rompessem. Ela permite estabelecer paralelos entre as construções que são feitas sobre o passado no presente.

As fotografias familiares também são consideradas como um meio de proteger a família contra a realidade certa da morte, já que preserva a memória do tempo. Ela é a materialização da imagem das pessoas que passaram pelo mundo. Preserva um olhar, um amor, uma lembrança, uma história.

Nestas primeiras inferências, podemos observar que as diferenças nas contemplações do local são constantes, contudo, apesar das escolhas, o legado missionário de São Borja ainda persiste, mesmo que em foco desproporcional, como podemos notar na análise das fotos coletadas de moradores/as da cidade. Observamos, também, por meio dos resultados obtidos até então, que a memória relacionada à história de São Borja apresenta-se mais vinculada à questão política do que à temática missionária. Tal processo parte de uma construção sócio-histórica de desenvolvimento do território que priorizou a formatação de uma identidade local ligada aos interesses do olhar político-administrativo.



REFERÊNCIAS

ALEXANDER, N. “Cidadania, identidade racial e construção” in: *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2. pp. 113-129. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a06v18n2.pdf>. Acessado em: 10/07/2011 às 10h.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 6. ed. Campinas : Papyrus, 2001.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BESCHOREN, Maximiliano. *Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul (1875/1887)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

BOFF, Claudete. *A imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões*. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.

COLVERO, Ronaldo B.; MAURER, Rodrigo (Orgs). *Missões em Mosaico: Da interpretação à prática um conjunto de experiências..* Porto Alegre: FAITH, 2011.

COLVERO, Ronaldo, B.; MAURER, Rodrigo, F. São Borja e seu Patrimônio “Quase” Esquecido: O Caso das Missões Jesuíticas na Terra dos Presidentes. Congresso Internacional de História. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/313.pdf>>. Maringá: 2009. DOI: 10.4025/4cih.pphuem.313.

COLVERO, Ronaldo. *Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2004.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. 5. ed. Campinas : Papyrus, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas; São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003.

MAURER, Rodrigo F. Da Alocação às Intrigas: O Caso da Antiga Redução de San Francisco de Borja e o Estigma Refratário. In: COLVERO, Ronaldo B.; MAURER, Rodrigo (Orgs). *Missões em Mosaico: Da interpretação à prática um conjunto de experiências*. Porto Alegre: FAITH, 2011.

NEUMANN, Eduardo. *O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial (1640/1750)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolívia y Brasil)*. Tomos I a VIII. Madri, Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912.

PNUD – Programa das Ações Unidas para o Desenvolvimento. *A Democracia na América Latina: rumo a uma democracia de cidadãos e cidadãs*. Trad. Mônica Hirts. Santana do Parnaíba: LM&X, 2004.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://>>. Acesso em: 24 jan. 2008.



SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2005. p. 28-129.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.